



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FERNANDA LÍGIA PEREIRA BEZERRA

**EDUCADAS PARA SERVIR: A EDUCAÇÃO FEMININA E O ENSINO DOMÉSTICO
NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

GUARABIRA-PB
2025

FERNANDA LÍGIA PEREIRA BEZERRA

**EDUCADAS PARA SERVIR: A EDUCAÇÃO FEMININA E O ENSINO DOMÉSTICO
NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva.

**GUARABIRA-PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574e Bezerra, Fernanda Ligia Pereira.

Educadas para servir [manuscrito] : a educação feminina e o ensino doméstico no início do século XX / Fernanda Ligia Pereira Bezerra. - 2025.

22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História - CH".

1. Trabalho doméstico. 2. Escola doméstica. 3. Educação.
4. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 305.4

FERNANDA LIGIA PEREIRA BEZERRA

EDUCADAS PARA SERVIR: A EDUCAÇÃO FEMININA E O ENSINO
DOMÉSTICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
História

Aprovada em: 05/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Alômia Abrantes da Silva** (***.722.424-**), em **11/06/2025 19:05:58** com chave **40eea80c471011f0b7822618257239a1**.
- **Mariângela de Vasconcelos Nunes** (***.787.784-**), em **12/06/2025 09:43:08** com chave **cad18498478a11f08e9e1a7cc27eb1f9**.
- **Edna Maria Nóbrega Araújo** (***.246.714-**), em **12/06/2025 16:47:42** com chave **1a86537047c611f0af822618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 13/06/2025

Código de Autenticação: 200299



A todas as mulheres que com muitas renúncias e esforços encaram diariamente duplas ou mais jornadas de trabalho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus todo poderoso, por ser meu sustento e fortaleza, por guiar meus caminhos, por me proteger em cada quilômetro que percorri durante esses anos para chegar à universidade e por todas as situações e obstáculos que ele me permitiu viver para que com cada um, eu pudesse aprender sobre a vida.

Agradeço a minha família, aos meus pais, Eugênio e Edjane por sempre fazerem de tudo por mim e por minha educação, para que eu pudesse chegar a lugares que os mesmos não tiveram oportunidades. Obrigada por tudo, painho e mainha.

Aos meus avós, em especial minhas avós Maria Lígia (*in memoriam*) e Terezi-
nha (*in memoriam*), por serem mulheres fortes, que com suas histórias de vida me ensinaram muito sobre fé e bondade e ainda que não estejam mais aqui fisicamente, continuam a me inspirar diariamente. A minha “vó Lígia” que sempre sonhou em ver seus netos se formando, mas não alcançou essa realização nesse plano e hoje nos assiste ao lado de Deus, minha eterna gratidão e amor.

Ao meu companheiro, Arthur Henrique, obrigada por ter vivido de perto essa etapa ao meu lado desde o início, você foi fundamental na minha formação, sempre segurando minha mão, enxugando minhas lágrimas e acreditando em mim nos momentos mais difíceis. Obrigada também por todas as vezes que saiu tarde da noite de casa para me esperar na parada de ônibus e garantir que eu chegasse em casa em segurança.

Aos amigos que fiz ao longo do curso e especialmente ao meu grupo “Galera Mulheres”, obrigada por tornarem o caminho mais leve, pelas trocas, por mostrarem o verdadeiro significado da amizade e por todos os conselhos que muitas vezes foram o incentivo para não desistir, quero levar cada uma de vocês para a vida.

Aos queridos professores da UEPB, especialmente a minha orientadora, professora Alômia, obrigada por trilhar esse caminho comigo, pelas orientações, paciência e por ser uma inspiração como docente e como humana. Agradeço também ao professor Fagundes, meu orientador do PIBIC, que muito contribuiu na minha formação como docente e pesquisadora.

Por fim, quero agradecer a todos que passaram pelos meus caminhos e de forma direta ou indireta contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. A todos que fizeram parte dessa jornada e contribuíram na realização desse sonho, muito obrigada!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matérias do Programa Geral de Ensino da Escola Doméstica	17
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX E XX E O IDEAL DA MULHER PARA SOCIEDADE.....	9
3	A LIGA DE ENSINO E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL/RN.....	13
4	O PLANO DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS.....	20

EDUCADAS PARA SERVIR: A EDUCAÇÃO FEMININA E O ENSINO DOMÉSTICO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

EDUCATED TO SERVE: WOMEN'S EDUCATION AND HOME SCHOOLING IN THE EARLY 20TH CENTURY.

Fernanda Lígia Pereira Bezerra*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal contribuir com as discussões sobre como historicamente o trabalho doméstico persiste como predominante responsabilidade feminina. Busca fomentar a observação e questionamento sobre quem são os sujeitos responsáveis pelos serviços de manutenção da vida dentro do lar, como ressonância histórica das desiguais relações de gênero. Para atingir essa finalidade, é feita uma análise sobre a educação escolarizada que foi ofertada às mulheres no início do século XX, a partir do discurso do fundador da escola doméstica de Natal-RN, Henrique Castriciano, que se alicerçava na romantização do feminino enquanto mãe e esposa, o que era condizente com os valores da modernidade, sendo essa educação um instrumento de controle e disciplinarização do feminino. Para tanto, pode-se compreender que, ao contrário dos homens, que muitas vezes se tornam sujeitos isentos dessas instruções, as mulheres foram ensinadas e naturalizadas premeditadamente desde muito cedo a realizar essas tarefas de cuidado, de maneira que esse trabalho serviria também à sociedade e ao sistema capitalista, observando como a cultura escolar participou desse processo. Para alicerçar a análise, o diálogo entre gênero, educação e história se fez constante, a partir de autoras (es) como Louro (2004), Federici (2019), Diniz (2022), Soares Júnior (2022), entre outros(as).

Palavras-Chave: Trabalho doméstico; Escola Doméstica; Educação; Mulheres.

ABSTRACT

The present work aims to contribute to discussions about how, historically, domestic work has remained predominantly a female responsibility. It seeks to foster observation and questioning about who are the subjects responsible for maintaining life within the home, as a historical resonance of unequal gender relations. To achieve this purpose, an analysis is made of the formal education offered to women in the early 20th century, based on the discourse of Henrique Castriciano, the founder of the domestic school in Natal-RN, which was grounded in the romanticization of femininity as a mother and wife, aligning with the values of modernity, making this education an instrument of control and disciplining of femininity. To that end, it can be understood that, unlike men, who often become exempt subjects from these instructions, women have been deliberately taught and naturalized from an early age to carry out these caregiving tasks, so that this work

*Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III- Guarabira. E-mail: fernanda.bezerra@aluno.uepb.edu.br

would also serve society and the capitalist system, observing how school culture participated in this process. To underpin the analysis, the dialogue between gender, education, and history was constant, drawing from authors such as Louro (2004), Federici (2019), Diniz (2022), Soares Júnior (2022), among others.

Keywords: work; domestic work; education; women.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual resultou este texto surgiu a partir de uma inquietação pessoal em observar o contraste existente entre funções incumbidas a cada gênero dentro da esfera doméstica. As questões de gênero constantemente chamam muito à atenção de quem as observa com atenção, analisar as diferenças nas criações de meninos e meninas ainda que dentro do mesmo lar, pode causar grande estranheza. Em diversas realidades, é comum e rotineiro verificar o fato das filhas meninas serem ensinadas a lidar com o ambiente doméstico desde muito cedo, sendo ensinadas principalmente a cuidar da casa e a cozinhar, enquanto os filhos homens são comumente, isentos dessa responsabilidade. Esses divergentes modos de criação e educação instituídos a esses indivíduos são frutos de raízes históricas de desigualdades entre os gêneros.

A discussão sobre gênero e trabalho doméstico é indispensável para analisar as estruturas sociais que sustentam a recorrente desigualdade entre homens e mulheres. Silvia Federici (2019), em sua obra *O ponto zero da revolução*, nos apresenta uma análise crítica sobre o papel do trabalho doméstico na consolidação do sistema capitalista, defendendo a ideia que ele não apenas mantém a força de trabalho como também é indispensável para a reprodução das relações de dominação de gênero. Além disso, Federici (2019, p. 42), ainda afirma que o trabalho doméstico “não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas”.

É simples observar como historicamente são atribuídas às mulheres quase que de maneira exclusiva as tarefas relacionadas ao cuidado e a manutenção da vida; dentro dos nossos próprios lares é possível analisar diversas situações cotidianas que demonstram essa divisão do trabalho, sob justificativa de que a mulher possui uma suposta aptidão natural para o manejo e a realização dessas tarefas. Deve-se pensar, será mesmo uma aptidão? Ou historicamente ela é ensinada e levada para esse caminho? Onde o homem se encontra nesse contexto? Trata-se na ver-

dade, de uma desigualdade, fruto de um sistema histórico e cultural que perpetua estereótipos e naturaliza papéis sociais desiguais dentro do âmbito doméstico.

Mobilizados por essas questões, voltamos nosso olhar para a construção histórica do espaço doméstico como sendo *locus* do feminino e responsabilidade das mulheres quanto à sua organização, cuidado e preservação. O que nos levou a pensar sobre o papel da educação, de uma pedagogia que se articulou para permitir que as mulheres brasileiras fossem escolarizadas no início do século XX, mas sem fugir a essas premissas e, ao contrário, consolidando-as.

Assim, buscamos conhecer melhor essa historicidade, chegando ao discurso elaborado pelo intelectual e político norte riograndense Henrique Castriciano (1874-1947), através do livro *Educação da mulher no Brasil* – fonte primária principal de pesquisa do presente trabalho – na conferência da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte em 23 de julho de 1910¹. Trata-se de um discurso que sugere um novo modelo de educação feminina, em que essa educação está associada diretamente com os valores burgueses da modernidade, onde as propostas e objetivos a partir dessa educação são apresentadas para uma “melhoria da sociedade”.

Como fonte principal dessa análise, *Educação da mulher no Brasil*, inicia-se com a fala do então governador do Estado do Rio Grande do Norte, Alberto Maranhão. Presidindo a primeira reunião da Liga de Ensino, ele ratifica seu apoio pela Liga e pelo que descreve como “educação racional da mulher”. Adiante contamos com o discurso de Castriciano, em uma conferência aonde propaga o que se propõe através da Liga, ele justifica suas ideias, seus pensamentos e apresenta pontos de melhorias sociais que a educação feminina ocasionará no estado e no país. Em seguida temos um breve discurso de Meira de Sá, Juiz Seccional e ex senador da República, que defende a mesma ideia apresentada por Castriciano. O livro segue com um capítulo de notas e por último, um capítulo intitulado de “O Início da Liga do Ensino (circular, programa, estatutos)”, onde podemos ter acesso aos detalhes da Liga de Ensino.

Procuramos então aqui, através da referida fonte, analisar como se apresentava e se caracterizava a cultura escolar pensada para as mulheres nos primeiros anos do século XX, idealizada a partir da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e ofertada através da Escola Doméstica de Natal-RN, inaugurada em 1914, com a

¹CASTRICIANO, Henrique. **A educação da mulher no Brasil**. Natal: Sebo vermelho. 2011.

missão de educar mulheres “para o lar”, formando boas e prudentes donas de casa, onde se tinha a ideia de que a mulher teria que dedicar-se exclusivamente as tarefas da casa e ao trato com o esposo e com os filhos.

Para construção e embasamento teórico do presente estudo, recorreremos a autores como Guacira Lopes Louro (2004) com a discussão sobre a educação escolarizada para mulheres, Azemar dos Santos Soares Júnior e Vitória Diniz de Souza (2022) com a análise dessa escolarização através da escola doméstica e do controle da feminilidade. Atravessando essas leituras, o diálogo entre gênero e história se faz constante, levando a olhar para o que se constituiu como divisão sexual do trabalho e desigualdade de gênero dentro das engrenagens capitalistas, com a contribuição de Federici (2019) e outros (as) autores (as).

Para melhor apresentar a discussão, na sequência discutimos elementos do contexto histórico da transição dos séculos XIX para o XX no Brasil, que possibilitaram a emergência e legitimidade de discursos como o de Henrique Castriciano, seguido da criação da Liga de Ensino e da Escola Doméstica em Natal-RN e, num terceiro momento, analisamos a composição do plano de ensino para mulheres na referida escola. Dessa forma, esperamos que o presente trabalho consiga contribuir para uma reflexão acerca do tema, além de sugestionar o debate para uma nova perspectiva do que é trabalho feminino e quais são os sujeitos responsáveis pelos serviços do lar.

2 TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX E XX E O IDEAL DA MULHER PARA SOCIEDADE

É de conhecimento geral que muitos obstáculos foram enfrentados pelas mulheres ao longo do tempo, que seus modos de comportamento deviam estar de acordo com o que o poder patriarcal considerava melhor para sociedade, sendo o processo educacional profundamente perpassado pelas questões de gênero. Louro (2004) remonta a essa problemática ao evidenciar como a educação masculina no século XIX já trazia consigo traços diferentes em relação à educação feminina:

Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para a classe de meninas. Deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes descentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confia-

vam seus filhos e filhas. As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (Louro, 2004, p. 389)

Na transição para o século XX cresce o apelo à escolarização das mulheres das famílias burguesas, entretanto, sem fugir muito aos parâmetros apontados acima, mas acrescentando novas justificativas ao que se reservava às mulheres. Scott (2013) afirma que no século XX, o Brasil passava por profundas transformações, com o advento da República, os processos de urbanização e industrialização movimentaram o país, dando lugar aos processos de modernidade e higienismo. Até então, o domínio masculino era incontestável dentro das famílias, o amor conjugal e o prazer feminino não eram metas, mas os homens podiam exercer sua sexualidade como quisessem, inclusive, fora do matrimônio. Com a chegada dos ideais europeus, esse cenário mudou, e um novo ideal de família foi apontado, e os valores da “família conjugal moderna” se dissipavam e os discursos médicos higienistas sugeriram a unificação do amor e sexo dentro do matrimônio, sendo uma forma de relacionamento mais saudável e moralmente recomendada.

Além disso, na nova sociedade, a medicina higiênica transformou a mulher em uma aliada na luta contra os germes e doenças - que muito estavam sendo propagados na época - a alimentação da criança também era de sua responsabilidade e além de mãe, era sua obrigação ser uma “boa mãe”; a criança deveria ser robusta e limpa. As mulheres passam a ser reduzidas ao papel mãe-esposa-mulher, mas para isso, necessitaria de certo grau de instrução.

Ainda conforme Scott (2013), grandes transformações atravessavam o país com o advento da República, e a partir dos ideais modernistas e higienistas, a casa passou a ser vista como um local de refúgio, aconchego, conforto e higiene, onde se passava a vida familiar. No entanto, para cuidar dessa família, se exigia também um novo modelo de mulher. Essa mulher deveria estar desobrigada dos trabalhos produtivos, pois deveria dedicar-se exclusivamente aos afazeres do lar, deveria ser uma mãe dedicada e cuidar da educação das crianças, sendo responsável pela “formação moral” dos filhos. Deveria ainda ser uma esposa amorosa, mas, ainda submissa. O homem, por sua vez, deveria ser o único provedor da família. Assim, podemos notar uma hierarquia doméstica, onde o homem está no topo como a cabeça da casa e

da família e a mulher está na base, como a serva da família e dependente do marido.

Nesse momento, vale destacar que essas transformações não se seguiram em todas as famílias do país, o modelo de família com seus modos burgueses foi um novo parâmetro, mas em um país com sociedade diversa socioeconômica e étnica desigual, nem todas as famílias puderam ou quiseram abarcar a essas novas mudanças, muitas mulheres eram obrigadas a trabalhar fora do âmbito doméstico até mesmo por necessidade econômica. Então, embora esse estilo de vida tenha se tornado um novo parâmetro no país, não foi generalizado. Nesse estudo tratamos das famílias burguesas que incorporaram esse novo ideal espelhado nos moldes europeus.

Dessa maneira, podemos analisar como existe uma disciplinarização da vida dos indivíduos, e nesse caso, como a figura feminina foi usada como um instrumento a ser utilizado para melhoria da sociedade. Onde um ideal de educação é aceito desde que convenha para servir a sociedade, sendo utilizada como um caminho para “melhorá-la”. Ou seja, criando o que era desejável para a sociedade, uma mulher, esposa e mãe eficiente. Ainda que receber instrução educacional representasse um avanço para as mulheres, essa educação ainda estava condicionada para elas como ao destino da maternidade. Ao incitar que o país não teria progresso caso não adotasse as novas medidas higienistas e conseqüentemente o novo modelo de educação doméstica, Castriciano declara:

Taís defeitos, é bom repetir, só podem ser eliminados lentamente, por meio de seria educação; e esta deve começar pela mulher, a organizadora da casa, guia natural dos filhos na primeira infância, aos quais acompanha dia a dia, podendo em tempo corrigir lhes certas falhas moraes e physicas, e aperfeiçoar lhes as boas qualidades nativas. (Castriciano, 2011, p. 26)

Como se vê, pelo viés de Castriciano, a instrução escolar aceita e permitida pra as mulheres no início do século XX também se apresentava como um dispositivo capaz de disciplinar corpos e pensamentos, isso porque, a educação não era igual para todos os indivíduos e para as mulheres era dada de uma maneira muito específica. Onde deveria voltar-se para as necessidades sociais e regionais. Formando boas mães e esposas. A mulher deveria ter conhecimentos racionais e profissionais para atuar dentro do seu lar, e conseqüentemente, atender as necessidades regionais, tornando-se “um elemento destinado a melhorar a nação do futuro” (Castriciano, 2011, p. 21).

Assim, é evidente que não era pretendido que através dessa educação a mulher se tornasse um ser emancipado, como reforça Louro (2004):

(...) as "mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas", ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial — como esposa e mãe — exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (Louro, 2004, p. 391)

Seguindo essa linha de raciocínio, Almeida (2013) destaca que o trabalho desempenhado pela mulher fora do ambiente doméstico passou a ser visto como um elemento de desagregação da família. Tinha-se a ideia de que os filhos teriam carência de educação sem ter a mãe por perto – pois eram consideradas como as únicas a dar uma boa educação aos filhos. Além disso, soava negativo a mulher possuir um emprego, haja em vista que ocupava um lugar que poderia ser de um homem, que poderia não se casar por não possuir trabalho. A independência econômica era mais um fator negativo, se independente, a mulher poderia cogitar não querer se casar ou não querer ter filhos – o que não aconteceria com os homens, já que quando alcançavam estabilidade financeira, já sonhavam em casar. De acordo com Federici (2019):

Não é por acaso que a maioria dos homens começa a pensar em se casar tão logo encontra o primeiro emprego. Isso não ocorre apenas porque agora os homens podem pagar por isso, mas também porque ter alguém em casa para cuidar de você é a única condição para não enlouquecer depois de passar o dia todo em uma linha de montagem ou sentado em uma mesa. Toda mulher sabe que deve realizar esses serviços para ser uma mulher de verdade e ter um casamento "bem-sucedido". (Federici, 2019, p. 45)

É notório, portanto, que a educação escolar ofertada para as mulheres no início do século XX era muito restrita, de maneira que apenas as meninas das camadas mais abastadas da sociedade poderiam ter acesso a ela; esse ensino tinha por objetivo tornar-se um elemento capaz de incentivar e aprimorar o desenvolvimento dos trabalhos no espaço doméstico. Naturalizando a identidade feminina como pessoas "destinadas" a maternidade, ao cuidado com o marido e para executar os trabalhos domésticos sozinha, defendendo a ideia da mulher-mãe-esposa que vive em prol do cuidado para com o outro e é realizada com essa condição. O trabalho fora do ambiente doméstico "chegou a ser questionado como elemento impeditivo das

ditas “funções naturais” das mulheres, as de mãe e esposa” (Matos, Borelli, 2013, p.63).

3 A LIGA DE ENSINO E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL/RN

Para tratar da Liga de Ensino e da Escola Doméstica de Natal/RN, é de suma importância aludir ao nome de seu criador e fundador, Henrique Castriciano de Souza (1874-1947) conhecido intelectual, escritor e importante político do Rio Grande do Norte, ele “acreditava que a educação feminina deveria ser universalizada” (Soares Júnior, Souza, 2022, p. 7), mas essa educação deveria servir a sociedade, de maneira que a conduta feminina fosse condizente com os valores atribuídos a mulher esposa e mãe, o método de ensino apresentado através da Liga e ofertado na Escola Doméstica seriam os agentes para a efetivação dessa educação para mulheres.

O fundador da Liga de Ensino assegura ao longo de seu discurso na conferência “Educação da mulher no Brasil” que através da educação ofertada às mulheres, o Brasil poderia ser transformado em um país civilizado. Ao longo de seu discurso, observa-se como o mesmo sugere suas ideias nas diversas comparações que faz entre o povo brasileiro e o povo Suíço e a forma que a educação é manejada em cada país, de acordo com ele, no Brasil “Temos alguma instrução, mas quase não temos educação; e sem esta é impossível tornar um grande povo” (Castriciano, 2011, p. 22). Ele acreditava que, a obrigatoriedade do ensino doméstico escolarizado, elevaria o Brasil ao nível que ele considerava como “civilizado”, ao nível da Suíça.

Nesse viés, a partir da Liga de Ensino surge no Rio Grande do Norte a Escola Doméstica, que foi uma instituição escolar de ensino privado e de prestígio para a sociedade do Estado do Rio Grande do Norte, a inspiração para criação dessa escola se deu no decurso de uma viagem que Henrique Castriciano fez para a Europa através do Governo do Estado. Ao se deparar com o modelo de educação ofertado na Suíça – onde o ensino doméstico era obrigatório –, ele ficou maravilhado e associou o progresso do país com a educação ofertada para as mulheres. Ao retornar ao Brasil, inspirado no modelo Europeu da *Escola Normal pour la formation d’Institutes d’Écoles Menagère de Fribourg*, ele cria a Escola Doméstica, na tentativa de que através dessa educação ofertada as meninas, o seu país também se tornasse civilizado (Soares Júnior, Souza, 2022, p. 5).

Na escola podiam ingressar meninas a partir de 15 anos, após a conclusão do ensino primário, nessa formação, as jovens estudavam diversas matérias para aprender a executar serviços que foram pensados previamente e dominar técnicas no trato da casa, alimentação, higiene, economia, nutrição, maternidade. Tudo que fosse considerado para melhoria do lar e conseqüentemente da sociedade, tudo isso era pensado previamente, a formação e a grade curricular estavam em concordância com o momento que o país passava. Dessa forma, destaca:

Em synthese, queremos aproximar a escola da família, de acordo com a melhor pedagogia contemporânea, e fazer da mulher, educada na simplicidade, no trabalho intelectual e manual, bem orientado, um elemento destinado a melhorar a nação do futuro. (...) uma senhora verdadeiramente educada, com a exacta compreensão do bem que poderá fazer, não prestará somente grandes serviços á própria família, mas a centenas de pessoas, principalmente no interior dos Estados, concorrendo assim para a civilização gradual do país. (Castriciano, 2011, p. 21-22)

Castriciano (2011) resguardava a ideia de que o progresso do país depende da educação que está sendo oferecida às mulheres. Nesse viés, podemos observar que existe uma defesa do trabalho e a educação feminina, desde que ela viesse a ser utilizada para criação do futuro homem da sociedade, “Temos de começar pelo principio, isto é, pela família, de onde sai para a escola e para a vida, o homem de amanhã” (Castriciano, 2011, p. 20).

A defesa da mulher enquanto estudante e trabalhadora é fomentada contanto que seus atributos sejam convenientes para os homens e conseqüentemente, para o trabalhador masculino e para sociedade. Com “homens” podemos englobar pai, irmãos, marido e filhos, uma vez que as mulheres são muitas vezes colocadas como servas dessas personalidades desde muito cedo dentro da casa de sua mãe ou na sua própria casa. De acordo com Federici (2019):

(...) não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. Mesmo assim, dificilmente se tem êxito. Não importa o quanto sejam bem treinadas, poucas mulheres não se sentem enganadas quando o “dia da noiva” acaba e elas se encontram diante de uma pia suja. Muitas de nós ainda possuem a ilusão de que casamos por amor. Grande parte de nós reconhece que nos casamos por dinheiro e segurança; mas é o momento de reconhecer que, enquanto há pouco amor ou dinheiro envolvidos, o trabalho que nos aguarda é excessivo. (Federici, 2019, p. 43-44)

Mas, o que diz Castriciano sobre o masculino? Em que momento ele cita o “papel do homem” no trabalho doméstico? E como os homens aparecem em sua fala? O que podemos analisar é que ao dizer o que a mulher deve e como deve exe-

cutar o trabalho doméstico e se comportar, incitando o que é para as mulheres, ele também nos diz, mesmo que de maneira oculta, o que é para os homens. Para homens, o poder patriarcal incita o mundo público, o mundo fora da realidade da casa, exterior as tarefas de cuidado, mesmo que essas tarefas sejam necessárias para sua sobrevivência, elas não aparecem como obrigação sua, mas sempre de uma mulher.

Depreende-se então que um homem, em sua figura masculina, seguido por outros homens da elite potiguar, está propondo um currículo educacional pautado nos serviços domésticos e na mão de obra feminina como ferramentas de melhoria social. Não se importando com as suas vontades, com seus planos e desejos pessoais, apenas padronizando comportamentos e distanciando-as do seu próprio desejo – isso não importava. No início do século XX no Brasil, uma mulher deveria estar mais ocupada em aprimorar seu famigerado “instinto materno” do que com seus desejos pessoais.

4 O PLANO DE EDUCAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA

Em conformidade ao momento em que o país atravessava, Castriciano (2011) indica os planos do programa. A proposta de currículo apresentada através da Liga de Ensino previa para a Escola Doméstica uma série de ensinamentos e processos que procederia a construção da mulher ideal para o início do século XX.

No caso dos saberes escolares, eles são resultado de uma seleção de conhecimentos e saberes de um universo mais amplo, baseada em critérios que também são permeados por uma cultura educacional, que é histórica. O que se entende como currículo, atualmente, tem como base a busca da transformação do indivíduo, seu aprimoramento. Ou seja, precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ esse currículo. (Soares Júnior, Souza, 2022, p. 12-13).

De acordo com os dados do Programa Geral de Ensino da Escola Doméstica, publicado em 1911 na ata de criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, presente no livro analisado, o programa possuía tipologias e matérias, que foi sistematizado através de um quadro na pesquisa de Soares Júnior e Souza (2022). Sendo organizadas e divididas da seguinte maneira:

Quadro 1– Matérias do Programa Geral de Ensino da Escola Doméstica

Tipologia	Matérias
Educação Moral	Moral Individual Moral Doméstica Moral Social
Educação Intelectual	Língua Portuguesa Língua Inglesa ou Francesa Aritmética Álgebra Geomtria Geografia Corografia História do Brasil Noções de Física Química
Educação Física	Ginástica
Educação Estética	Desenho Decoração e ornamento do lar Música Canto
Educação Técnica, profissional e social	Contabilidade doméstica Costura Agricultura Avicultura Cozinha teórica Cozinha prática Higiene individual Medicina prática e de urgência Puericultura

Fonte: Extraído de Soares Júnior e Souza, 2022, p. 13.

Como visto no quadro e analisado no documento citado, temos em primeiro lugar a Educação Moral, essa tipologia compreendia a moral individual, moral doméstica e moral social, que nesse caso, não se tratavam de matérias em si, pois tais conceitos e ensinamentos seriam aprendidos nas mais diversas situações do dia a dia, que seriam os casos de repreensões, sermões, preparos, sensibilidades e instruções de caridades. O intuito principal seria estruturar a subjetividade das meninas para a vida em sociedade (Soares Júnior, Souza, 2022, p.14).

A tipologia que se segue é denominada de Educação Intelectual, nessa podemos observar matérias tradicionais que faziam também parte do currículo de outras escolas; língua portuguesa, língua francesa ou inglesa, aritmética, álgebra, geometria, geografia, corografia, história do Brasil, noções de física, química e história

natural. Esses saberes estavam correlacionados com o ambiente doméstico, como o ensino de química focado na composição dos alimentos.

Na Educação Física, apresenta-se os exercícios exercidos pelas meninas na escola, que seriam: ginástica, natação e tênis. A ginástica por sua vez tinha por objetivo “(...) combater a preguiça física e corrigir a deformação do thorax.” (O início da Liga do Ensino: (circular, programas, estatutos). 2011, p. 112). Ademais, na Educação Estética englobavam-se as matérias de desenho, decoração e ornamento do lar, que tratava de propostas acerca do embelezamento e organização da casa – salas de visita e de jantar, dos quartos e da cozinha - música e canto.

Por fim, temos a educação técnica, profissional e social, com as matérias de contabilidade doméstica, costura, agricultura, avicultura, cozinha teórica e prática, higiene individual e medicina prática e de urgência. Além disso, o programa também previa o estudo da puericultura, onde por meio desse estudo, a mulher aprenderia sobre a saúde da criança, e assim poderia empenhar-se em cuidá-la, englobando áreas como sua alimentação, vestuário, tratamento de urgência e o leito. Castriciano indica que tudo que for necessário para conservar o bem estar da criança terá um cuidado especial na Liga.

Ademais, o programa, também previa uma nova disposição para casa e especialmente para cozinha, que seria o primeiro local a ser modificado a partir da educação da mulher. Era importante começar a transformação por essa área porque é o local onde se começa a higiene alimentar e onde a dona de casa sempre se encontra, mas não deve esse local ser quente e mal arejado como até então era, tampouco o fogão de chapa deve espirrar fumaça, além de anti-higiênico, a cozinheira pode secar seu suor na toalha de limpar os pratos caso a dona de casa se descuide.

A cozinha deveria ser um local amplo, onde os utensílios estivessem de fácil asseio, sendo um ambiente organizado, limpo e de harmonia. Garantindo, “não está longe o dia, minhas senhoras, em que vos libertareis da cozinha antiga, essa tremenda prisão em que todos nós temos enclausurado todos (...)” (Castriciano, 2011, p. 42-43).

Observar esse currículo em suas minuciosidades causa certo espanto; cada mínimo detalhe que foi pensado, discutido e defendido na Liga de Ensino, objetivava não só ensinar as meninas a realizar tantas tarefas, mas principalmente desencarregar o masculino desses trabalhos que são árduos e repetitivos. O que deixa evidente como a educação feminina foi usada como estratégia de controle, já que sua grade

curricular era específica para realização do ensino doméstico. Logo, pode-se pensar que a mulher realiza as tarefas no lar, o homem está livre para o exterior e para o que o se espera dele.

Nesse viés, em coerência com o fato de que educação ofertada à mulher é muitas vezes mascarada pelo o que se convém à sociedade, Rosemberg (2013) evidencia:

Em um breve panorama, vemos que, no Brasil, denegou-se a educação formal às mulheres em nome de sua “natureza corruptível”: o modelo de educação feminina virtuosa até o século XIX era o de Sant’Anna Mestra, avó de Cristo, que ensinava a Virgem, sua filha, com seu livro de preces. Posteriormente, sustentou-se a necessidade de se educar as mulheres (comedidamente, porém) porque elas seriam “educadoras de homens”, necessários à nação. Defendeu-se a educação diferenciada, porque mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Incluiu-se Economia Doméstica em seu currículo, porque “a mulher é rainha do lar”. Criticou-se a escola mista, por ser “promíscua”. Estimulou-se a formação de professoras, porque elas, “verdadeiras mães”, têm “vocação para o sacerdócio” que é o magistério. Combateu-se a educação diferenciada, com o argumento de que servia para relegar a mão de obra das mulheres ao “exército de reserva”, fazendo com que ocupassem postos com menor remuneração que os ocupados pelos homens no mercado de trabalho. Defendeu-se a ampliação da educação de meninas e moças, porque “mulheres educadas adiam a primeira gravidez, espaçam os partos, cuidam melhor dos filhos, impedem a reprodução do círculo vicioso da pobreza”, e porque “seus filhos são mais educados”. (Rosemberg, 2013, p. 162-163)

Devemos destacar ainda, que ao executar “seu papel” de mãe e esposa, a mulher deveria se considerar privilegiada, estaria se tornando uma mulher completa. Castriciano (2011) aponta ainda que nesse novo modelo de educação o papel principal seria dela, a responsável pela educação dos filhos, mas para que ela executasse com eficácia o que se desejava, precisaria dos conhecimentos necessários. Para tanto, “Estimula-a o divino instinetto materno; ninguém mais pura e affectuosa que a mãe de família brasileira”. (Castriciano, 2011, p. 21)

Diversos ensinamentos e responsabilidades são apresentados para elas. Mas qual o papel do pai na educação dos filhos? Não vemos exemplos concretos na fala de Castriciano, o que traz consigo a reflexão de que, será mesmo que o homem desempenhava algum papel no trato e no cuidado com os filhos? Almeida (2013) explicita como há uma discriminação com o feminino nesse sentido:

O preconceito e a discriminação do sexo feminino revelavam espaços sociais históricos nos quais a alteridade limitava-se por uma imagética feminina impregnada de deveres quanto ao sexo masculino, instaurando paradoxos que carregavam atrás de si os vários impactos sociais do gênero. Não havia uma ideia de uma ação positiva que celebrasse a igualdade entre os sexos, mas sim uma discriminação explícita, embora disfarçada sob um pretenso e

relevante papel social a ser desempenhado pelas mulheres. (Almeida, 2013, p. 192)

De modo geral, esse ensino instituía novos costumes a menina, que aprendia na escola para reproduzir depois de casada em sua própria casa, de maneira que enquanto desempenhava esse papel, também servia a sociedade – cuidando do homem trabalhador da sociedade e colaborador do progresso do país. Aqui cabe uma reflexão, quanto tempo uma mulher dedica-se ao trato com o outro ao longo de sua vida? Quantas e quantas tarefas são verdadeiramente invisibilizadas por infelizmente terem se tornado algo comum? Esse tempo depositado é incalculável, é um trabalho interminável que exige muito empenho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que chegar ao ambiente escolar foi essencial para que mulheres pudessem estudar e aprender, ainda que de maneira restrita e bastante regulada. Como observado ao longo da pesquisa e a partir da fonte analisada, essa educação pensada e planejada por homens no início do século XX voltou-se para fins de interesse próprio, o que nos mostra que o interesse principal não foi de educar a mulher para que essa se tornasse um ser emancipado, mas sim para que se tornasse um ser capaz de servir e cuidar ainda mais a quem servia diretamente ao país, o homem – marido e filho.

Dessa forma, conclui-se como Henrique Castriciano, a elite potiguar e o Estado como um todo elevam a educação feminina como um instrumento de controle social, outorgando às mulheres grandes responsabilidades, que consideravam como adequadas. Mas essas instruções mostram o que seria melhor para a sociedade patriarcal e não para ela. Assim, observa-se que essa desigualdade nos trabalhos domésticos que perdura até a atualidade e traz consigo uma carga de grandes desafios que foi depositada em seus ombros.

A romantização do sacrifício feminino em prol da família ainda é vista muitas vezes como um atributo considerado normal, feito com naturalidade pela mulher, uma tarefa árdua que acaba se tornando invisível. Mesmo com muitos avanços, ainda é recorrente o fato de pais ofertarem diferentes criações entre filhos homens e filhas mulheres, enquanto a menina é obrigada a aprender a partir de certa idade a cozinhar, limpar e tratar da casa, ao homem essa instrução muitas vezes não é se-

quer mencionada e ele cresce sem saber fazer o básico, virando mais uma sobrecarga para o sujeito feminino – a mãe e posteriormente, a esposa.

Contemporaneamente, possuímos trabalhos formais, contribuímos com a renda da casa e possuímos mais abertura de fala e escolha dentro do nosso lar. Entretanto, nesse cenário ainda se tem um longo caminho a ser percorrido e (re)construído, ainda que possamos ver certas evoluções, sabemos que a luta pela igualdade de gênero é necessária diariamente.

Ainda assim, é possível observar que ao longo dos anos diversas ações como a promulgação de leis e debates acerca do tema foram incentivadas, os estudos de gênero também desempenham um papel importante na desconstrução das estruturas sociais que sustentam essa desigualdade, como uma tentativa de enfrentar esse problema de desigualdade social, mas, é visto até o momento que ainda existe um longo caminho a ser percorrido e há uma grande necessidade de mudança nesse cenário.

Nesse sentido, a permanência dessa desigualdade sugere que as mulheres tenham duplas ou mais jornadas exaustivas de trabalho. Sendo encarregadas de muitas tarefas, pois são ensinadas desde pequenas a fazê-lo. Quando não se trabalha fora do ambiente doméstico, esse trabalho torna-se oculto, frases como “não trabalha, só cuida da casa” são comuns, no entanto, essa é sem dúvidas, uma jornada árdua de trabalho que deve ser reconhecida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)**. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 48, p. 187–205, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jDBtX9GDVc8Y4dTdv888SKp>. Acesso em: 05 de maio 2025.

CASTRICIANO, Henrique. **A Educação da Mulher no Brasil**. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução** – trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo, 2019.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; SOUZA, Vitória Diniz de. **A escola doméstica e o 'aperfeiçoamento da mãe de família': práticas discursivas de controle da feminilidade (Natal, 1911-1914)**. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 17, n. 1, p. e9330, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9330>. Acesso em: 02 de maio de 2025.

O início da Liga do Ensino: (circular, programas, estatutos). In: CASTRICIANO, Henrique. **A Educação da Mulher no Brasil**. Natal: Sebo Vermelho, 2011. p. 108-127.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 388-421.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013. p. 63-73.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/%20Mary%20del%20Priore%20-%20Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 03 maio de 2025.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013. p. 162-174.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-22.